



BERNARDO GOMES BARBOSA NOGUEIRA¹

RESUMO: O presente texto quer enfrentar o desafio colocado pela série *Sense8*, que nos impulsiona à reflexão acerca da maneira como nos relacionamos com o tempo e com o outro. Nesse sentido, os conceitos da ética de Lévinas e o aporte do pensamento acerca da hospitalidade de Derrida nos auxiliarão nessa incursão pelas relações dos oito personagens principais da série. O desafio é evidenciar, a partir de outra forma de percepção da existência, a física quântica, quais as novas possibilidades de linguagem que as relações humanas requerem para uma existência ética.

PALAVRAS-CHAVE: física quântica; Lévinas; responsabilidade; Derrida.

CONJUGAÇÃO DA AUSENTE

Foram precisos mais dez anos e oito quilos
Muitas cãs e um princípio de abdômen
(Sem falar na Segunda Grande Guerra, na descoberta da penicilina e na desagregação do átomo)
Foram precisos dois filhos e sete casas
(Em lugares como São Paulo, Londres, Cascais, Ipanema e Hollywood)
Foram precisos três livros de poesia e uma operação de apendicite
Algumas prevaricações e um exequatur
Fora preciso a aquisição de uma consciência política
E de incontáveis garrafas; fora preciso um desastre de avião
Foram precisas separações, tantas separações
Uma separação...

Tua graça caminha pela casa
Moves-te blindada em abstrações, como um T. Trazes
A cabeça enterrada nos ombros qual escura
Rosa sem haste. És tão profundamente
Que irrelevas as coisas, mesmo do pensamento.
A cadeira é cadeira e o quadro é quadro
Porque te participam. Fora, o jardim
Modesto como tu, murcha em antúrios
A tua ausência. As folhas te outonam, a grama te
Quer. És vegetal, amiga...

¹ Doutorando em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC-Minas (Brasil). Mestre em Direito pela Universidade de Coimbra (Portugal). Especialização em Filosofia pela Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP (Brasil). Professor da Escola de Direito do Centro Universitário Newton Paiva (Brasil). Belo Horizonte, MG, Brasil. E-mail: bernardogbn@yahoo.com.br

Amiga! direi baixo o teu nome
Não ao rádio ou ao espelho, mas à porta
Que te emoldura, fatigada, e ao
Corredor que pára
Para te andar, adunca, inutilmente
Rápida. Vazia a casa
Raios, no entanto, desse olhar sobejo
Oblíquos cristalizam tua ausência.
Vejo-te em cada prisma, refletindo
Diagonalmente a múltipla esperança
E te amo, te venero, te idolatro
Numa perplexidade de criança.

E no entanto avistava à poucos passos
Sua forma feminina que não era
Nenhuma outra forma feminina, mas a dela
A mulher amada

Vinícius de Moraes

INTRODUÇÃO

Estamos desde sempre na espreita da questão inaugural que Lenio Streck nos impõe a reflexão e que, por obra do tempo, torna-se subtítulo de uma obra coletiva que trabalha questões de “Direito e Literatura”, portanto, “por que devemos escrever narrativas?” Essa anunciação do problema é ali, no coração do pensamento, o local que habita a dúvida, esse espanto que desde os antigos gregos nos faz caminhar. Essa angústia, que é pulsão de vida. Nessa mesma toada, o escritor moçambicano Mia Couto, quando questionado acerca da maneira e do modo de compor suas narrativas, nos entrega a seguinte reflexão: “Escrevo a todo tempo, em todos os momentos, agora mesmo, estou a escrever”.

Direito e Literatura. O conectivo “e” nos impinge mais uma vez à reflexão acerca dessa relação. Ele significa a união do direito com a literatura tão somente? É possível unir a infinitude da criação literária com a finitude e imediatez do direito? O estar no tempo da literatura teria “tempo” na rigidez do cumprimento legal do itinerário jurídico? E se acaso invertêssemos essa ordem? Literatura e Direito. Poderíamos ainda falar dessa relação, ou a ordem, a precedência, quem vem antes, primeiro ou superior teria uma importância maior? Na relação Direito e Literatura, aquele é quem guia e a Literatura, portanto, seria um utensílio à mão da ciência jurídica? O Direito é anterior aqui, o que em verdade, não ocorre no mundo real. Aliás, e já agora, o que seria esse real jurídico e esse real social? Seria mesmo possível essa separação querida por tanto a partir da ciência

moderna? Tornar o Direito Literatura. Uma Literatura talvez que seja mais acolhida e menos prisão. De alguma maneira o duro e o mole de Dalí estão na verve de nossa reflexão. Não que tenhamos em mente o fim da aplicação das leis, o que *de per si* inviabilizaria a própria colocação com o outro. Contudo, a garantia do conviver não se pode confundir com este. Vivemos entremeados, sempre, e por todos os lados, pela lei, pela poesia, pela literatura, entanto, estamos no mundo através das narrativas.

Logo, esse *e* funcionaria como afirmação de duas narrativas que inscrevem o humano no mundo. Nesses termos, a reflexão que nos interessa mais não estaria na dimensão do Direito *na* Literatura, nem do Direito *como* Literatura ou ainda do Direito *da* Literatura. O *e* é ao mesmo tempo a própria condição de nos movermos no seio das narrativas e nas relações que essas linguagens se permitem, para que a manjedoura do humano esteja, uma vez e a cada vez, plural de tempos, de olhares, plural enquanto humano. Acaso haja um sentido determinado por um conjunto de normas criadas em um tempo, dentro delas há também uma narrativa ou narrativas que foram esquecidas. Pela força ou pela contingência. A percepção multidimensional é mais ética. A literatura não é romance. Ou melhor, a narrativa não se encerra na escrita de um romance. Aquilo que narra, nos dá o mundo: seus filmes², canções³, séries⁴, petições⁵... “É o humano literatura?”⁶ (Nogueira, 2014, p.1)

² Pensamos que quando nos referimos às narrativas filmicas, estamos em uma espécie do gênero narrativa literária.

³ No caso das canções, também há uma narrativa que mistura o lúdico com aquilo que se diz real. Quanto de lúdico há no real, e quanto de real há no lúdico. Essa precisão é impossível. A narrativa musical empresta essa e mais questões. Citaremos duas canções para uma reflexão apartada aqui nesta nota, que é também e desde sempre nota musical: a narrativa da canção *Tigresa* de Caetano Veloso fala de uma mulher assumindo suas ambiguidades, com sói ocorrer com o feminino, para além do conceito moderno, como é a discussão proposta no texto. Além disso, ali a tigresa quer criar um tempo em que possa mais do que o leão. Nessa mesma narrativa, o artista mostra que essa tigresa quer “inventar um lugar”, logo, por essa via, há uma leitura sobre a saída da mulher de uma condição unifacetada que tem eco na sociedade ainda nos dias atuais: “Ela me conta que era atriz e trabalhou no Hair / Com alguns homens foi feliz, com outros foi mulher / Que tem muito ódio no coração, que tem dado muito amor / E espalhado muito prazer e muita dor / Mas ela ao mesmo tempo diz que tudo vai mudar / Porque ela vai ser o que quis, inventando um lugar / Onde a gente e a natureza feliz vivam sempre em comunhão / E a tigresa possa mais do que o leão”. Na narrativa de *O queres*, do mesmo artista, vê-se toda a complexidade do humano, e a partir dela há uma possível relação com a questão da alteridade que escapa ao *eu* que a todo tempo procura criar um conceito: “Onde queres revólver, sou coqueiro / Onde queres dinheiro, sou paixão / Onde queres descanso, sou desejo / E onde sou só desejo, queres não / E onde não queres nada, nada falta / E onde voas bem alta, eu sou o chão / E onde pisas o chão, minha alma salta / E ganha liberdade

De alguma maneira Antonio Candido nos auxilia nessa questão:

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. Vista deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. O sono assegura durante o sono a presença indispensável deste universo, independentemente da nossa vontade. E durante a vigília a criação poética ou poética, que é a mola da literatura em todos os seus níveis e modalidades, está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito, como anedota, caso, história em quadrinhos, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco. Ela se manifesta desde o devaneio amoroso ou econômico no ônibus até a atenção fixada na novela de televisão ou na leitura seguida de um romance (Candido, 2011, p. 174-175).

Nesses termos é que estamos sempre na tentativa de alcançar a propositura feita por Lenio Streck e, como sabemos, cada vez que nos voltamos a essa reflexão, há um acréscimo de construção. Nessa

na amplidão...” Esses são exemplos que sustentam nossa ideia de que existem narrativas, e não, narrativa.

- ⁴ Seria esse então o local que estamos a habitar neste texto. A narrativa serial é, portanto, uma quase nova maneira de criar uma narrativa posto que, distinta da construção da narrativa fílmica, há nela outro tempo, distinta duração e construção de narrativa diferente daquela apresentada no roteiro da narrativa fílmica. A narrativa serial, como se vê no próprio significado, é uma espécie de adequação talvez ao próprio tempo em que nos encontramos, trata-se de um tempo alcinado de pós-moderno, no qual há nova dimensão de tempo, ou seja, a fragmentação das relações humanas está diretamente ligada a essa noção. Bauman nos adverte que as relações líquidas encerram-se de maneira mais facilitada, o que torna, portanto, o tempo, mais fluido. A série é uma construção, por vezes, até mais aproximada ao romance, que também se faz por capítulos, ao menos em sua maioria. É uma união de pequenos núcleos que se comunicam. É interessante notar que essa construção está tão adequada à realidade do tempo presente que se organiza de maneira a atender certa “impaciência” que “obriga” às pessoas a um sentimento de inquietude frente ao tempo quando ele aparece, ou seja, quando é percebido, logo queremos nos livrar dele. Aí já é o fim de um capítulo, para podermos nos entregar à fugacidade do próximo. Podemos, portanto, questionar se a narrativa serial não estaria a espelhar a própria narrativa que estamos a construir em “tempos líquidos” como os de hoje.
- ⁵ Parece-nos claro que as petições trocadas dentro de um processo também sejam narrativas sendo construídas.
- ⁶ Título de um texto no qual sugerimos um conceito de literatura aproximada da ideia de alteridade que ver-se-á neste texto.

transcendência, chegamos a pensar que a literatura, como dito, não estaria encerrada em um molde de construção narrativa. Entendemos que o *e* é acolhida da diferença, dentro dele há, desde a narrativa fílmica, narrativa musical, narrativa serial – a qual nos propomos examinar neste texto. Responderei sempre ao Lenio quando estiver a refletir sobre essas questões. Com ele termino o início desta estrada:

A cotidianidade do direito não nos toca. Ou seja, a realidade não nos “diz nada”. Mas, as ficções, sim. Com isso, confundimos as ficções da realidade com a realidade das ficções. Ficamos endurecidos. A literatura pode ser mais do que isso. Necessitamos do absurdo, do impossível, para constatarmos a crueldade do mundo que nos cerca, por isso precisamos da literatura, mostrando de novas formas, de um novo lugar de fala, nas palavras de Barthes (ou situação hermenêutica, para falarmos com Gadamer), para demonstrarmos o que é digno de crítica. Ela pode ser o canal de aprendizado do direito nas salas de aulas (Streck, 2013, p. 62).

EN-CONTROS:

Sobre a série *Sense8*, de maneira linear, poderíamos dizer: é uma série que apresenta oito pessoas de diferentes partes do planeta e que por uma força sensível inexplicável habitam-se mutuamente – sem que a princípio racionalmente possamos enxergar um elo que justifique essa inter-relação. Aliás, talvez a diversidade possa ser explicada como um mote dessa série. Os humanos ali explorados não estão apenas em partes distintas do mundo, afinal também não possuem qualquer semelhança cultural. Temos desde uma islandesa até um africano, junto com um policial norte-americano e um alemão nascido na Alemanha oriental. A eles unem-se uma transexual que namora uma mulher negra, um ator de cinema, mexicano e gay, uma empresária coreana que sabe lutar e uma mulher que vive em meio às crenças orientais. A miscelânea cultural seria desde já um ponto interessante em nossa prosa. Contudo, não seria esse o caminho que gostaríamos de tomar nessa estrada. A pluralidade está lá. E o mais interessante é a possibilidade inicial que a série nos mostra. Nela os estereótipos tão caros ao pensamento moderno, à lógica moderna, aos conceitos modernos, explodem em possibilidades humanas. Resta sabermos o que está para além da pluralidade. E em que medida essa série

nos toca enquanto reflexão acerca do pensamento derridiano em sua reflexão sobre a hospitalidade junto da reflexão ética de Emanuel Lévinas⁷.

Não iremos discutir sobre multiculturalismo. O ideário acerca do multiculturalismo pode nos ajudar a ler a série, no entanto, de alguma maneira ainda estaríamos aprisionados a uma linguagem que é fruto de uma dimensão do pensamento grego antigo e que nos obriga a uma visão menos alargada. *Sense8*, como o próprio título nos propõe, reclama por um local inexplorado pelo *lógos* moderno, os direitos humanos ocidentais se valem da fala, a série nos propõe o ouvido. Iremos por essa toada de agora até breve.

É evidente a ruptura dentro do pensamento ocidental após os escritos de Lévinas. A guinada da ética como filosofia primeira proposta por esse autor nos oferece fundamento para nos relacionarmos de maneira menos “espantosa” com a série. O ouvido se acostumou a ser um local de chegada do *lógos*. Existindo de maneira coadjuvante. O falante, o *lógos*, sempre foi o amoldador da construção humana dentro do recorte histórico ocidental que propomos, a partir dos gregos até os dias atuais. Quando Lévinas nos convida a tornar a ética como filosofia primeira, destrona o *lógos* que até então construiu os alicerces do existir humano ocidental. Essa reviravolta dá-se de maneira que a ética agora é o *lócus* privilegiado no qual e através do qual o humano existe. Ao invés do eu sou, estamos agora perante uma espécie de “eis-me aqui”. Isso significa mostrar que a *existenciação* do humano está necessariamente ligada à sua relação com o outro. Nesse sentido, estar no mundo é desde já estar no mundo diante e perante, e, mais ainda, responsável por esse outro que ante a minha existência se põe como condição mesma, ou seja, como aquele que me instaura enquanto humano.

Se não erramos, o ouvido em sua relação de recepção com o *lógos* torna-se agora uma espécie de ouvido ativo. Apenas pelo ouvido do outro estamos no mundo. Esses dizeres são importantes, pois o *lógos* se coloca de maneira autônoma. De outro lado, o ouvido, bem distinto da fala, recebe sem escolher. O ouvido está ali como uma graça. O outro nasce quando tilinta sua fala em nosso ouvido. O ouvido, em verdade, não é local que

⁷ Os nomes dos personagens estiveram ocultados por força mesma da atenção ao infinito que habita o humano.

poderíamos chamar “meu”, nele instaura-se a diferença em nós sem que suponhamos o que virá. Do mesmo modo, nos ouvimos quando falamos. Essa relação de ipseidade ainda não seria bastante, pois, somos quando o outro nos habita e, ao mesmo tempo, quando habitamos esse outro. Cheios de amor e ódio. Cheios de humanidade. O ouvido talvez seja um local mais privilegiado para essa epifania. Estamos aqui, junto de Lévinas, a propor não uma ordem de precedência, que ademais é fruto de uma construção de pensamento que privilegia um em detrimento ao outro. Em nossa narrativa não há essa ordem, ao contrário, o ouvido nos oferece uma dimensão que o *lógos* por vezes não permite alcançar. Portanto, rumamos para além dessa dimensão de construção. Sem o ouvido a existência sequer seria possível. Nesse sentido, esse outro, não identificado, não esperado, esse chegante que arromba o silêncio, que abala a ordem. É dele que estamos a querer ouvir o som. A partir do local que é fecundação. O ouvido que ressoa tudo e que não faz distinção daquele que vem. O sentido não é dado *a priori*, e por isso mesmo, pela imprevisibilidade do outro e pela impossibilidade de não recebê-lo na escuta, é que o ouvido instaura um reclame ético que nos permite superar a formação ética comumente construída por aquele que fala.

O outro é o ouvido. Não o ouvido dele. Posto que aqui não estamos na ordem da propriedade. Estamos já, desde sempre, lançados à tragédia de ouvir, de ter o outro enquanto esse que chega e não avisa, apenas habita o tempo e faz nascer outro. A alteridade é desse modo estabelecida, como um comando de não tapar os ouvidos - se o fizermos, também estaremos obrigados à escuta do nosso silêncio. No silêncio do eu reside a ausência ética. A hospitalidade ensinada por Derrida como uma questão do incondicional pode ser aliada nessa prosa. A hospitalidade, na perspectiva de Derrida, não é seletiva, nem tampouco jurídica.

O direito não é hospitaleiro na concepção derridiana. Quando o outro chega, com seus sons distintos, de uma DJ islandesa até o batuque africano, todos eles devem ser recepcionados. E essa recepção se nos mostra clara quando estamos eticamente a conceber o humano, que não pergunta quem é, pois está desde sempre hospedado pela Lei do outro. O ouvido então é a acolhida incondicional. Aquela que se dá sem que peça tradução. A ética é anterior à tradução. Não há perguntas e passaportes sendo emitidos. O

outro é já nossa condição de estar no mundo. O ouvido perfeito de um músico indica essa questão. E não é em vão que o pai da DJ islandesa é um músico profissional e que ela acessa o mundo escutando as canções.

Parece que uma leitura ética nos moldes que nos propõe Lévinas talvez reclame também esse olhar para o ouvido ao invés da sanha pela fala. O ouvido, agora pensando com Derrida, é o dizer. A fala é dito. Por essa senda iremos caminhar para a questão do infinito e do sentido, que, nos parece, é a chave da série. Chave que não abre portas, posto que o humano, enquanto esse ser para os outros, não carece senha, apenas ouvir.

O SENTIDO

Poderíamos propor agora uma reflexão acerca da ideia de sentido. O próprio título nos obriga a isso. Não estamos, no entanto, a nos referir à questão daquilo que faz sentido para um ou outro. A ideia aqui está aliada a uma interpretação fisiológica, na qual, não podemos conceber que o que faz sentido esteja aprisionado ao que é racionalmente plausível. O humano, ademais, não consegue se explicar apenas por essa dimensão, nestes termos, o sentido não poderia ser algo apenas racional. Sentimos com o coração, não apenas com a razão. E por isso mesmo, nem sempre “tocamos” o sentido a partir da razão que nos foi ensinada desde os tempos gregos antigos. O sentido está naquilo que por vezes não está à mão do pensamento. O que faz sentido faz sentir. Essa fala não é conduzida pela ideia de que a metafísica, ou uma teoria gnosiológica, poderia ser considerada como a filosofia primeira, o humano não se dá e não caminha por aí, ele se coloca no mundo a partir do outro. Não haveria, portanto, explicação melhor do que faz sentido: o outro. O ouvido que nos permite ser habitados antes mesmo que as relações do pensamento se realizem. Essa percepção não pode ser considerada pelo pensar filosófico como obscura, ou soaria como argumento de autoridade, como ademais, a partir da ilustração se quis.

O humano é mais do que o que diz uma luz. Ele é também um ouvido escuro dentro do qual habita toda a sorte de humanidade. Dizer do sentido é dizer do que vem. Daquilo que toca e faz caminha. Foi Hegel quem nos disse que a ave de minerva levanta voo apenas ao entardecer. Estaria ela a ouvir o outro e a partir daí poderia se considerar pensante? O ouvido seria o

motor do pensamento? O pensamento seria a maneira de fazer sentido? Estamos com o outro porque falamos ou pela escuta?

Isso nos indica um caminho interessante. O outro é o sentido. Aliás, em melhores palavras, a estrada enquanto a-caminho do humano poderia ser evidenciada se pensarmos que o ouvido não tem luz. O outro, assim como o ouvido, também não se mostra, à partida, de maneira esclarecida, posto que é mistério só. O chegante absoluto, termo que Derrida usa para dizer daquele que chega em sua perspectiva de hospitalidade, não se apresenta. O ouvido que ele irá fecundar não pode estar preparado. Ele será invadido. Na mistura de sons com aquele que chega, nasce o novo. Cada ato de escuta é um parto. O sentido, aquilo que se está a sentir, é produto da alteridade, não do *lógos*. O sentido da existência nos é indicado pelo outro. Mesmo que a partir daí possamos fazer escolhas, já estamos desde sempre habitados. Enquanto tragédia, estamos condenados a esse outro desconhecido, e, por isso mesmo, infinito.

Importante essa digressão em relação ao sentido, pois, além do título da série, o sentido da própria série e sua ordem não linear poderiam ser mais um momento de invenção. Queremos dizer que o tempo cronológico que determina as relações jurídicas, o binômio justo e injusto, e as próprias construções caricaturais que os conceitos jurídicos inventam, estão em xeque desde já a partir da leitura que estamos a conferir. O terceiro incluído da física quântica, aquele não lugar, o local do não conceito, a todo momento nos salta aos olhos nessa série. Nesse sentido, supomos que falar do humano é evidentemente mais coerente dentro da incoerência da física quântica e dos não lugares do que propriamente da maneira cronológico-lógica que o direito busca imprimir, na sua tentativa de resolver os problemas dos humanos. Maneira que ademais, parece-nos, pretende impor uma ordem de sentido para aquilo que em verdade não possui. Como no verso de Renato Russo: “é preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã, porque se você parar pra pensar, na verdade não há”. Da mesma maneira que a credulidade na razão também é combatida pela *hýbrys* na fala Antígona: “não nasci para odiar, e sim para amar”, o sentido, essa questão que toma o humano para além do *lógos*, se nos mostra a partir da ética de Lévinas. O que nos faz sentir é o outro. O ouvido ativa esse sentido. Quisemos dizer que o sentido está para além do *lógos* e que

também se distancia da noção linear de tempo e que necessariamente transcende a questão do espaço. Estamos no a-caminho de pensar outra dimensão de existência. A física quântica reconhece o terceiro incluído. A física moderna, não. O pensamento jurídico reconhece o *lógos* como instaurador do sentido. Propomos, a partir da série em questão, que o sentido, dito racional, de fazer sentido, só o é quando transcende essa questão. Do contrário é imposição ideológica da fala. O ouvido instaura o outro no mundo. O terceiro incluído se dá pelo ouvido, que não faz distinção, sem filtro, incondicionalmente hospeda e ao mesmo tempo cria mundo. O humano que vem, o terceiro que é contradição no pensamento linear, instaura outro ar que agora nos faz respirar mais aliviados. O mundo não cabe em nossa “cabeça”.

∞

Habitualmente não escrevemos os numerais na horizontal. Tampouco o fato de serem oito pessoas na série nos interessa amiúde. A questão da inter-relação que eles mantêm, questionando nossa noção de tempo e espaço, aduz à necessidade de uma nova escrita. Ou ao menos, de uma escrita menos violenta, que escuta mais, cumpre menos e sugere mais invenção ao humano. Uma escrita para além da escritura. Seria essa a imersão que proporíamos a partir daqui.

Nesse sentido, o texto, visto como o local em que nos colocamos no mundo a partir da linguagem, pode ser ouvido de maneira distinta da que habitualmente nos colocamos. O horizonte que é sempre infinito se nos anuncia simplesmente ao mirarmos o numeral oito na posição horizontal. O outro é uma aparecência que não exige colocação determinada, ao contrário, ao chegar, enquanto criador do tempo, instaura sua des-ordem fazendo com que a construção mostre novas veredas. Nessa estrada, horizontal, vemos que o fim não se mostra – o infinito é o local no qual habita aquele que vem. O numeral oito é o horizonte do infinito no humano. Já agora podemos já agora aludir ao que nos diz Galeano a respeito da utopia. Ela seria como o horizonte, que não serve a nada, a não ser para que, como o horizonte que se afasta a cada vez que caminhamos em sua direção, nos faça sempre andar. O outro nos faz caminhar. A utopia do outro é, portanto, sem ciência exata. Ela nos direciona, portanto, ao

infinito. Ao deitarmos o numeral oito, permitimos a ele uma transa com o infinito que o concebe e se confunde com ele - como as pessoas que se inter-relacionam na série, ao sentirem o infinito estão a encontrar essa alteridade. Não há figura mais exemplar da ética levinasiana do que o outro que enquanto infinito nos habita. Somos assim enquanto existencição. Do contrário, é-se uma construção logocêntrica que parte do eu limitando esse horizonte, tornando a série racionalmente apreendida pela mera relação de oito pessoas.

Essas oito pessoas são a humanidade enquanto realização ética. Enquanto não esperam, ao menor sinal, sem que uma campainha soe, há ali uma novidade. E feito o improvável do “voo do besouro”, nasce a habitação. Somos quando estamos habitados pelo horizonte infinito do outro. Por esta via percebemos como o sentido do numeral está mais para além de um encontro entre oito pessoas. A simbologia que ele guarda nos remete diretamente ao contínuo que a física quântica propõe na relação entre as coisas. As relações estabelecidas pelas pessoas na série não são da ordem daquilo que acordamos figurar na dimensão do possível científica e filosoficamente.

Estamos perante um encontro que não nos permite dissociar da alteridade em um só instante. Nesses termos, parece-nos, estamos diante daquela incessante presença da alteridade a nos recobrar responsabilidade ética e, porque não dizer, a nos colocar no mundo a partir dela mesma. O outro, na perspectiva que a série nos permite reconhecer, está para além da proximidade. Podemos nos referir a essa ideia se entendermos basicamente que a física quântica rompe com a ideia de causalidade local, estamos no terreno daquilo que se chamou no “Manifesto da Transdisciplinaridade”: causalidade global,

que concerne o sistema de todas as entidades físicas, em seu conjunto. E, no entanto, este conceito não é tão surpreendente na vida diária. Uma coletividade – família, empresa, nação – é sempre *mais que* a simples soma de suas partes. Um misterioso fator de interação, não redutível às propriedades dos diferentes indivíduos, está sempre presente nas coletividades humanas, mas nós sempre repelimos para o inferno da subjetividade. E somos forçados a reconhecer que em nossa pequena Terra estamos longe, muito longe da não separabilidade humana (Nicolescu, 1999, p. 7).

Talvez Shakespeare já tenha tido essa percepção quando nos informou que há questões que a filosofia vã não consegue explicar. Esse ideário talvez estivesse a se desenhar, ora, esse espanto perante o intangível, o problema da relação haurida na distância, o questionamento acerca da continuidade da relação mesmo que a fronteira do espaço esteja ali, são componentes que se entrelaçam a todo momento na série e que nos impelem a perscrutar acerca da ética hiperbólica de Lévinas e também acerca daquilo que Derrida chama “hospitalidade incondicional”. Essa incondicionalidade, esse impossível, como ele próprio chama a justiça, estaria, portanto, localizado no âmbito da física quântica?

Lévinas também nos ensina que o outro seria um impossível, ou infinito, ou seja, enquanto distanciado de nossa ipseidade, o outro se nos apresenta como o assombro do inapropriável. Essa chegada retumbante do outro é já o momento de realização e não realização desse infinito. Como dito, estamos na medida de um impossível face à nossa razão estruturante. A física quântica, o numeral oito horizontal e seu “eterno retorno” ao outro aduzem a essa questão. Ou seja, o infinito é o próprio local de habitação do humano enquanto humano. Essa espreita do eu pelo outro é incansavelmente infinita. Seu apelo por responsabilidade, seu chamamento pelo apuro do existir, pela ventura do que vem, está sempre na ordem do dia, da noite e do sono.

FUSO HORÁRIO

Não podemos olvidar a questão que concerne ao tempo. Uma vez que estamos a falar de continentes distintos, de pessoas que estão “localizadas” em continentes distintos. No entanto, na série, ao contrário do que nos informam os fusos horários. Longe de pensarmos o tempo cronológico que impede encontros, que afirma a questão da proximidade enquanto peça necessária ao tabuleiro dos encontros. Estamos aqui na inscrição do tempo da alteridade. A série nos mostra que o apelo do outro chega “fora de hora”. Não há despertador para a ética. Não há um tempo da ética, senão e apenas o tempo enquanto ética.

O tempo é alteridade nessa dimensão. Não há como medirmos sua imensidão. Dá-se enquanto *excedência*. O excesso ético reclama tempo. Não há o tempo de amar e o tempo de odiar. Na estrutura de pensamento que

estamos a nos referir, o próprio tempo é o outro que nos instaura no mundo, que nos cobra a ideia de um estar sempre à disposição. Nesse sentido, a questão do espaço e do tempo pode ser discutida, uma vez que a não linearidade da série evidencia o que estamos a propor e ao mesmo tempo aquilo que compõe o apelo derridiano à questão de uma hospitalidade incondicional – inclusive a habitação de um outro que me furta de mim. Essa questão só é possível se acaso a barreira espaço-temporal estiver superada. Estamos no tempo do outro, e se o ser é tempo, talvez estejamos em condições de dizer que a alternância das horas medidas nos relógios não seria indicativa de limitação, e sim de possibilidades de relações éticas independentemente do tempo. O outro me assola com sua vida noturna, diurna e vespertina. Não há madrugada na qual o outro não obsedie-me, não me assombre. A sombra do tempo traz o outro em nós.

Quando se encena uma transa entre os partícipes da série, nos parece que a questão do tempo estaria também relacionada com o despertar do outro. O tempo é outro. Já dissemos, a relação ali transcende a questão do gozo, do prazer carnal, que também nos constitui, que é ativado, que nos “liga” enquanto humanos quando as válvulas dos sentimentos estão afloradas. A cena é um ato de doação ao outro. De doação do corpo para ser habitado pelo outro. De alguma maneira, quando Lacan diz que não há relação sexual, essa transcensão do tempo e do espaço na série talvez possa fazer-nos repensar essa afirmação. Ali onde não há limite de tempo e espaço, talvez possa nascer outra dimensão de habitação, logo, talvez ali haja sexo. Enquanto encontro. “C+8”.

São oito pessoas e ao mesmo tempo são todas as pessoas. A série nos permite reconhecer que a construção ética possui sempre esse terceiro que nos interpela, que nos observa. Quando a questão do espaço e do tempo é deixada para trás enquanto construções afeitas à física moderna. Quando há o reconhecimento de que o encontro se dá mesmo e independentemente da proximidade espaço-temporal, ali mesmo, na infinitude desse outro tempo, nessa dimensão horizontal e sem fim, no encontro constante, podemos entender a responsabilidade ética reclamada por Lévinas.

Se até aqui restávamos presos a uma questão elementar de proximidade para sentirmo-nos responsáveis pelo outro. Se o outro que está distante não nos constitui enquanto responsabilidade, não há,

portanto, outro, e, por fim, não há eu. A informação é de que o próprio tempo é esse outro. Nesse momento de constante interpelação, se estamos sempre interpelados, se o outro é o que nos instaura, na não medida de um tempo aberto ao outro, na sua própria confusão, essa alteridade comunica-se ao infinito. Não há limites de tempo para a ética. A ética da alteridade é infinita. O outro que nela carrega o tempo, seu filho, pai e mãe, é a própria condição de nosso existir. O tempo é o criador. A criadora. E só o é enquanto ética, não como conceituação temporal. Logo, a questão do tempo fica aqui estabelecida: não como limite, sim como condição fecunda do encontro. Estamos no tempo infinito em que o humano se encontra a cada olhar, toque ou não.

Não há fuso horário nas relações éticas. O outro, o estrangeiro, irá chegar. Não há como prever a hora. Não há aviso de chegada, voo marcado ou precisão. De surpresas faz-se a condição incondicional da hospitalidade em Derrida. Logo, importante mostrarmos: o que é do humano, a partir daqui, não pode ser imaginado dentro da barreira do tempo, nele mesmo, na sua abertura, mora o estrangeiro. Ele virá. Sem avisar. A condição dos humanos na série explica o estado de alerta para a ética limite de Lévinas. Será hospitalidade se não houver horário. Pois que o fuso é uma invenção para dizer de limites geográficos. A não proximidade e as relações ditas pela física quântica amparam e fundam essa hipótese ética. Dormindo, acordado, o humano é tempo e o tempo é ética. Seremos habitados. A inércia do humano é estar apto a ser habitado.

NÃO ESTAMOS SEPARADOS

Não estamos separados!

Mesmo se estivéssemos parados em nossos locais espaciais e emocionais de habitação. Parados, seguros de nosso porto, logo ali, onde a curva vira o vento, sem que saibamos de antemão, na escuta do choro do vento, mesmo que apenas como um cisco que caiu no olho ilustrado de razão. Independentemente de nossa cirúrgica decisão de nos colocarmos em um ou outro lado do hemisfério. Mesmo que acreditemos que os mapas são a realidade. Mesmo se a razão disser que o “humano que vem” não há. Estaremos pelo outro. Não por força de uma relação de proximidade. Estaremos por uma relação planetária e cosmológica, agora não apenas

como tentativa de informar uma comunidade global, não como uma convocação. E sim como condição mesma de possibilidade. De fruição do mundo na qual só é possível o próprio mundo a partir dessa alteridade. Aliás, não apenas a fruição do mundo, também todo o mal do mundo. Na alteridade funda-se nossa tragédia de chegada e de partida, de vida e de morte. A alteridade, portanto, é divina, pois nela habitamos o mundo. E agora, na direção que estamos a perquirir, esse mundo torna-se maior, não cabe naquele que está ao nosso lado, a proximidade quântica é a responsabilidade ética que estamos a dizer. Cada *quantum* que se move aqui abala o *kósmos*.

Nessa perspectiva de responsabilidade infinita, a singularidade, que é e não singular, aparece em cada rosto, que carrega em si, dentro de si e no porvir, toda a humanidade. Os olhos, a pele e a constituição física são apenas os “rastros” de uma invenção de mundo que é o humano. Humano que está ali e acolá, sendo e não. O princípio da não contradição é deixado para trás. Não há mais esse preconceito racional com a dimensão de um terceiro não visto. O terceiro é a ética. O terceiro é a própria hospitalidade. Nesse sentido, estar no mundo é estar por essa via. Em todo momento e em todos os locais, nos braços desse terceiro que a física moderna e o pensamento jurídico e social insistem ainda hoje em deixar de lado, o humano está dado em sua dimensão de multifaces, pois vemos em oito pessoas a humanidade.

Quando o outro nos habita somos transformados. Deixamos o eu. A série é didática nisso. Basta ver o africano que abdica de si pela mãe. Podemos ir além quando a japonesa salva o africano numa luta contra uma gangue inteira. Ali está a pedagogia do outro. Não podemos ser sem que ele nos habite. Ele vai chegar, para salvar ou matar. Não há garantias na ventura. A vida, diria o poeta, “só se dá pra quem se deu”. Nem o próprio poeta poderia imaginar que antes dele dizer isso há uma alteridade que o habita, mesmo de longe, mesmo que não humana. Dar-se à vida é, portanto, responsabilizar-se pelo outro que vem. Mesmo que a geografia queira limitar a invenção de um mundo sem fim. Como o ouvido que foi tocado pela primeira vez com a palavra amor. Amar é o verbo que explica essa ausência presente e ∞.

REFERÊNCIAS

- CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. 272p.
- DERRIDA, Jacques. *Da hospitalidade*. Trad. de Fernanda Bernardo. Praga: Palimage, 2003. 142p.
- DERRIDA, Jacques. *Força de lei – o fundamento místico da autoridade*. Trad. de Fernanda Bernardo. Porto: Campos das Letras, 2003. 145p.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, 1989. 598 p.
- LÉVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. de José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1980. 312p.
- NASCIMENTO, Evando. *Derrida e a literatura – “notas” de literatura e filosofia nos textos da desconstrução*. Niterói: Editora da UFF, 1999. 424p.
- NICOLESCU, Basarab. *O manifesto da transdisciplinaridade*. Triom: São Paulo, 1999. 24p.
- NOGUEIRA, Bernardo Gomes Barbosa. *É o humano literatura?*. In: FRANCO, Ângela Barbosa; GURGEL, Maria Antonieta Rigueira Leal. (orgs.). *Direito e literatura: interseções discursivas nas veredas da linguagem*. Belo Horizonte: Arraes Editores, 2014. p. 1-12.
- NOGUEIRA, Bernardo Gomes Barbosa. Hospitalidade condicional/hospitalidade incondicional: entre Kant e Derrida, paradigmas que se autodesconstroem. In: DUARTE CUADROS, Rubén Alberto (Org.). *Perspectivas de la filosofía del Derecho y las teorías jurídicas contemporáneas*. Bogotá: Editorial Kimpres Ltda, 2011. v. 1. p. 43-52.
- NOGUEIRA, Bernardo Gomes Barbosa. Imaginar a existência na poesia literária de Mia Couto. *Diké* (Itabirito), v. 1, p. 81-89, 2013.
- NOGUEIRA, Bernardo Gomes Barbosa. O direito como possibilidade de um projeto autêntico do homem ocidental. In: ÁNGEL ALVAREZ, Jaime Aberto. (Org.). *Filosofía y Ética: deliberaciones sobre política y globalización*. Bogotá: Editorial Kimpres Ltda, 2011. v. 1. p. 339-350.
- STRECK, Lenio Luiz. *Porque precisamos de grandes narrativas no e do direito*. In: NOGUEIRA, Bernardo Gomes Barbosa; SILVA, Ramon Mapa da (Org.). *Direito e literatura: por que devemos escrever narrativas?* Belo Horizonte: Arraes, 2013. p. 61 - 66.

Idioma original: Português.

Recebido: 19/01/16

Aceito: 31/01/16